



Marcelo Nitsche diz que a forma cilíndrica não é monopólio de Sérgio Camargo e para prová-lo infla a sua escultura

Defesa do artista

Marcelo Nitsche contesta a acusação de que plagiou escultura de Sérgio Camargo

SÃO PAULO — O artista plástico Marcelo Nitsche ficou perplexo ao ler na coluna *Zóximo*, de sexta-feira, que a maquete de uma escultura sua estampada na primeira página do *Caderno B* da última terça-feira, seria um escandaloso plágio de um trabalho, de dez anos atrás, do escultor Sérgio Camargo. “Isto é um absurdo”, reagiu Nitsche. “Em primeiro lugar, a foto é de um protótipo, a maquete de um objeto inflável, que tem uma conformação diferente de um objeto rígido. E acho incrível que se levante este tipo de discussão em cima de uma obra que não foi vista, pois não foi exposta, uma vez que a Bienal de Escultura do Rio, para a qual foi criada, não aconteceu.”

Inflamado, Nitsche tratou de inflar sua escultura para tirar qualquer dúvida de plágio. “A obra não é de mármore de Carrara, como a de Sérgio Camargo, é feita em material plástico vermelho, neopreme, que depois é inflado. A idéia é que a escultura flutue sobre um espelho d’água”, explica o artista. “Eu não conheço todo o trabalho de Sérgio Camargo para dizer se ele fez uma peça com três segmentos de cilindro num ângulo determinado. Claro que sempre pode haver coincidência. Mas, que eu saiba, a forma cilíndrica não é uma exclusividade ou monopólio de Sérgio Camargo. Se fosse assim, toda vez que eu fosse comer palmito teria que pagar *royalties* para ele”, ironiza.

O paulista Marcelo Nitsche lembra que trabalha com a forma cilíndrica há 22 anos, quando fez a sua primeira “bolha”, em 1967, premiada no Salão

Nacional de Brasília de 1968. Sua série de bolhas, uma espécie de gigantescas faratuas na forma da letra *E*, em nylon inflável, também obteve o prêmio de “pesquisa relevante” na Bienal de São Paulo de 1969, e acabou sendo desenvolvida nas esculturas em forma cilíndrica e de bolhas que enfeitam a Praça da Sé, no coração de São Paulo, desde 1976.

“Os caminhos dos trabalhos de um artista podem cruzar-se em algum momento com os de outro, mas ninguém pode se apropriar de um forma geométrica”, diz Nitsche. “Eu, por exemplo, já isolei a pincelada fora da pintura japonesa, quando são vertentes que se cruzam num trabalho de pesquisa.” O artista diz que ficou mais irritado com a acusação de plágio — da qual tomou conhecimento na última quarta-feira, através de um telefonema de Paulo Sérgio Duarte, do Rio, ex-diretor do Instituto Nacional de Artes Plásticas e atualmente coordenador do Paço Imperial — por ela estar baseada apenas na foto de uma maquete.

“A maquete é uma aproximação de uma escultura, um estudo reduzido de um volume que está sendo criado. Eles deviam ter pedido uma foto da escultura já inflada para não cometerem o engano de criticar um trabalho que não viram”, rebate Nitsche. “Acho, também, que a acusação é uma desconsideração à comissão de críticos que convidou os artistas e examinou todas as obras selecionadas para a Bienal de Escultura, e que não perceberam este flagrante plágio, ironiza o artista plástico”.